

Ainda o Saudosismo e a «Renascença»

A Antonio Sergio



artigo que publiquei no penultimo n.º da "Aguia", dedicado a dois socios dissidentes da "Renascença Portuguesa," (Antonio Sergio e Raul Proença) deu origem a uma carta do primeiro, que me foi enviada de Londres, na qual o illustre escritôr contesta, em generosos e delicadissimos têrmos, o *Saudosismo* que, obscura mas sinceramente, tenho apregoado.

O valor da carta e do seu autôr, que eu muito admiro e estimo, levam-me a responder-lhe nas paginas da "Aguia".

Antonio Sergio é um amigo inteligente que discorda, e não creatura indelicada e raivosa estupidamente agredindo.

Para estes o meu silencio de absoluto desprêso, que eu devêra sempre ter guardado, mas para homens como Antonio Sergio, tão raros entre nós infelizmente, vae toda a minha admiração e respeito, e com eles as minhas palavras defendendo o que penso e o que sinto.

A dissidencia de Antonio Sergio tem duas causas. A primeira resulta de ele imaginar que o *Saudosismo* é uma ideia minha por mim imposta á "Renascença"; a segunda resulta da sua não concordancia com a interpretação que dei á *Saudade*.

Tratemos já d'esta causa.

No meu ligeiro estudo ácerca da *Saudade*, alma da alma portuguesa, servi-me dos seguintes processos para atingir a sua plena revelação:

- 1.º Analise psicologica do vocabulo e de outros que lhe são proximos parentes;
- 2.º Analise de algumas definições de Saudade, sobretudo a de Duarte Nunes de Leão;
- 3.º Estudo do temperamento dos escritores mais representativos da Raça, como Camões, Camillo e Nobre, e da poesia popular;
- 4.º Estudo do caracter religioso do povo português e da actual geração poetica.

Depois d'este ligeiro trabalho que apresentei a publico, sob o titulo "O Espirito Lusitano ou o Saudosismo," — trabalho que ando a desenvolver, *conclui que a Saudade, como sintese do espiritalismo christão e do naturalismo pagão, por isso que ela contem em si o Desejo e a Dôr, a Esperança e a Lembrança, — esperança incidindo sobre o passado, lembrança incidindo sobre o futuro, — é o proprio espirito lusitano na sua expressão mais intima, profunda e original.*

E conclui tambem que o nosso Povo, nascido do casamento do sangue semita com o aria, creando a *Saudade viva*, tornou-se espiritalmente autonomo, e concebeu a *ideia-sentimento*, fonte da nova e verdadeira Renascença, pois a renascença italiana, de que Goethe, Wagner e Nietzche são descendentes, é obra individual de

alguns artistas de genio; e não realisou a fusão perfeita e viva do Paganismo com o Cristianismo, dado o character exclusivamente pagão dos italianos.

Em Portugal essa fusão, isto é, a ideia-mãe da Nova Renascença, fez-se na alma da Raça, é a propria alma do Povo, e, por isso, eternamente viva e creadora.

É certo que só a moderna geração poetica revelou plenamente esta verdade, porque o espirito lusitano tem sido guerreado desde seculos por todos os meios — religiosos, literarios, artisticos e politicos, e porque chegou, enfim, o momento da sua completa revelação, como signal da nova obra que Portugal terá de realizar...

As cousas de Portugal (e todas têm grande valor, como dizia Gil Vicente) apenas encontraram até ha poucos annos, a mais absoluta indiferença por parte dos portuguezes, ingenuamente espantados com o que se passa em Paris de França, e na crença infantil de que o gramofone concorreu mais para a luz do mundo do que as estrofes de Camões, e que a luz electrica tem mais poder illuminante do que a lanterna de Diogenes...

Eis a razão porque a *Saudade* tem vivido ignorada ou apenas superficialmente conhecida. Quem ler com olhos de vêr as cantigas populares, as obras dos nossos maiores escritores, e entre elas as de Duarte Nunes de Leão e do rei D. Duarte; quem estudar a paisagem portuguesa, os costumes, a linguagem e as lendas do Povo, — verá que a *Saudade*, como a mais alta e larga expressão da nossa alma, é conforme eu a interpretei na minha conferencia sobre o "Espirito Lusitano ou o Saudosismo".

O *Saudosismo* não é criação: é revelação.

E quem o revelou foi D. N. de Leão nos tempos antigos. Eu não fiz mais do que explicá-lo, e os poetas modernos vão-lhe esculpindo todas as formas, até agora apenas esboçadas ou delidas pelo esquecimento.

Por isso, eu tenho afirmado e continuarei sempre a afirmar que o movimento da Renascença portuguesa, se faz e fará dentro da *Saudade revelada*, a qual se ergue á altura d'uma Religião, d'uma Filosofia e d'uma Politica, portanto. Dentro d'ela, Portugal, sem deixar de ser Portugal, poderá realizar os maiores progressos de qualquer naturêsa. Eis o que nós pretendemos. Fóra do seu character, o nosso Povo nada fará de belo e duradouro. Ai, dos povos que negam a sua alma e a sua tradição, e as desprezam e não querem procurar n'elas as novas energias creadôras! São povos condenados irremediavelmente á morte.

A ideia de Patria não é contraria á justiça social ou á Fraternidade. Se assim fôsse, tambem a ideia de Individuo prejudicaria a ancia de perfeição moral que anima as almas modernas.

Uma Patria é uma Individualidade. O que se quer é a Harmonia ligando os individuos, ou sejam homens ou nações.

Vejam os agora a segunda causa, já em parte explicada.

O *Saudosismo* não é uma criação do meu espirito, sem realidade fóra de mim. Nem é tão pouco imposto por mim á "*Renascença*"

cença Portuguesa„, composta de individuos de character autonomo e inconfundivel, embora muitos d'elles concordem comigo, pela razão exposta de que o Saudosismo não é a minha pessoa, mas a alma da Raça Portuguesa.

A' nossa Sociedade serão bem vindos todos os homens de bôa fé e bôa vontade. A "Águia," receberá todas as opiniões, porque tudo o que fôr pensamento sincero e sentimento vivo servirá a causa que nós servimos.

De resto, a "Águia," nunca publicou artigos da "Renascença"; mas somente artigos individuaes e assinados.

A ideia que encerrar alguma verdade, viverá, e as ideias inanimadas desaparecerão, por fim.

Já vê o meu illustre camarada que nada o pode separar da "Renascença," a qual espera ainda o seu vigoroso esforço e a sua bela intelligencia.

Lastimo faltar-me o espaço, e não me referir mais demoradamente á sua carta que tanto me penhorou pela nobreza de character que revela—nobreza que eu admiro quasi religiosamente emquanto os odios, as injurias e as calunias batem á minha porta.

Teixeira D'Almeida

CAMILLO CASTELLO BRANCO

CARTAS INÉDITAS

XII

Meu presado amigo (1)

Estou de posse do estimavel livro. Agradeço-o a V. Ex.^a e á delicadeza do Ex.^{mo} Figanier.

No genero antigalhas estou concluindo um volume intitulado Cavar em ruinas. Vou-me deixando dominar do valor das velharias. Receio muito que a final me converta no primeiro estafador destes reinos, e que a minha imaginação se reduza a engenhar um romance á volta d'um fuste ou cipo, sujado pelas analyses do Soromenho, javardo que tem vindo ao Minho afocinhar lapides pela mesma razão que os porcos as não respeitam. Veja V. Ex.^a que paiz! Um sabio, encarregado de levar ao repêzo os perzuntos sonegados ao fisco, levantado a galarim de Antiquario!

Engulhado destes e que taes nojos, sumi-me nestes matagaes e d'aqui lhe envio um abraço e o sincero protesto da minha estima, amizade e admiração.

Agosto. 28, 1866

Castello

(1) Pertence o original a Luiz Derouet. Ignora-se o destinatario.